



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

POR UMA TEORIA GEOGRÁFICA DAS MIGRAÇÕES

FOR A GEOGRAPHY THEORY OF MIGRATIONS

(Pesquisadora convidada)

Gislene Santos

Professora adjunta do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Geografia
da Universidade Federal do Rio de Janeiro
gislenesantos@igeo.ufrj

Resumo

O presente artigo se dedica a uma reflexão em torno da associação entre a migração e a geografia. Apresentamos uma visão sobre o lugar que a migração ocupou no pensamento moderno da geografia e os seus desdobramentos. Propomos o uso das redes social migratório visto suas possibilidades analíticas para as migrações internacionais contemporâneas.

Palavras-chave: migração; geografia; redes sociais migratórias.

Abstract

The present article is dedicated to a reflection around the association between migration and geography. We present a view on the place that migration has occupied in the modern thought of geography and its consequences. We propose the use of migratory social networks considering their analytical possibilities for contemporary international migrations.

Key - words: migration; geography; migration social networks.

Introdução

A migração é um fenômeno geográfico? Por trazer a dimensão espacial como condição obrigatória para o seu acontecer, a migração se apresentou como objeto geográfico exemplar no campo da geografia humana. O presente texto se dedica à uma reflexão introdutória em torno desta pergunta. Para tal, na primeira seção, apresento uma visão sobre o lugar que a migração ocupou no pensamento moderno da geografia e os seus desdobramentos. Na sequência, o uso da noção de redes sociais migratórias e suas possibilidades heurísticas no contexto das migrações internacionais contemporâneas.

1 - As migrações na Geografia Moderna

As migrações se constituem como variável fundamental e central no campo da geografia. É possível reconhecermos que migração e geografia se fundem historicamente. Segundo Numa Broc (1975), nos relatos dos viajantes europeus do século XVII, já se encontram descrições sobre o movimento das populações, tanto no modo de vida da população nativa como no da estrangeira. E no tempo da geografia clássica, as migrações se apresentavam em um capítulo introdutório nas obras da geografia humana. O geógrafo Ratzel entre 1873 e 1874, realiza uma viagem, como jornalista, aos Estados Unidos da América (EUA). Impressionado com a modernidade do novo mundo em relação à Europa, conclui que a força impulsionadora que formou os EUA estaria na migração. Herdando o conceito de espaço vital, Ratzel (1890) argumenta que o fortalecimento e poder de um território estão na capacidade de um Estado manter satisfeitas as necessidades de sua população. Contudo, essa capacidade está limitada aos recursos do seu território. Quando o espaço vital se torna limitado, carente de recursos, em função do aumento da população, as emigrações se tornam necessárias. Esta mesma perspectiva já se encontra em Thomas Malthus, em 1789.

Nesse movimento podem ocorrer duas situações: 1) o fortalecimento do Estado, que pelo movimento de sua população, anexa novos territórios; 2) quando esse movimento é feito de forma pacífica, a migração se torna elemento de difusão cultural. Para Ratzel (1990), a migração deveria tornar-se objeto de estudo da Geografia, porque migrar é circular, e a circulação representa um dos elementos centrais na constituição de um território.

Em 1922, foi publicado na França o livro *Principles de Géographie Humaine*, da autoria de Vidal de La Blache¹, com o primeiro capítulo dedicado à migração dos povos. Esta forma de organização dos conteúdos era comum, na qual a temática dos deslocamentos se colocava como uma introdução obrigatória em geografia humana. Ou seja, o entendimento da geografia humana, passava-se em primeiro lugar pela descrição de alguns povos e sua distribuição regional; o deslocamento da população, neste capítulo introdutório, era o tema principal.

Em 1955 o geógrafo Maximilien Sorre publica o livro *Les migrations des peuples*, apresentando uma perspectiva inovadora sobre a migração. O primeiro capítulo de seu livro é fundamental para se entender sob qual óptica Sorre insere a migração nos estudos geográficos.

¹ Vidal de La Blache faleceu em 1918. O livro *Principles de Géographie Humaine* foi publicado em 1922. O geógrafo Emmanuel De Martonne foi o responsável pela compilação e organização dos textos que formaram o referido livro. No prefácio, De Martonne afirma que a primeira parte do livro, no qual contém o capítulo de abertura “A distribuição dos homens no globo” foi originalmente escrita pelo próprio La Blache, no qual dá uma atenção à emigração dos chineses. Para a segunda parte, o agrupamento dos textos foi feito pelo próprio organizador do livro. Em 1946, este livro foi traduzido para o português e editado no Brasil.

Primeiro, reconhece que a migração pode ser estudada por diferentes disciplinas. Contudo, a Geografia teria uma especificidade para se entender a migração.

Os indivíduos e os grupos humanos são colocados em movimento por pressões exteriores: um cataclisma natural, uma guerra, a violência sob uma forma ou outra. Mas quase sempre devemos procurar a origem dos deslocamentos em suas necessidades, em seu gênero de vida, mesmo em suas imaginações. (SORRE, 1955, p. 28)

Entretanto, Sorre alarga o significado das necessidades: ainda que o estado de carência seja vivido por alguns migrantes, é preciso que suas “imaginações sejam excitadas” para migrarem (1955, p.48). Discorda da perspectiva de Durkheim, pois enquanto esse analisou a migração como desequilíbrio social, Sorre defende, através de uma interpretação histórica, que para determinados grupos, como os nômades, o seu meio geográfico é formado por constante mobilidade e definidora de um habitat. E ainda, analisa a migração na conjunção entre a técnica e o habitat. A técnica em seu pensamento tem um sentido amplo: “Não pensemos somente nas técnicas de produção e de transformação da matéria. A organização de uma sociedade é uma técnica” (1955, p. 33). Estabelece os graus de ruptura com o habitat mediada pela técnica. Como a técnica não é somente um artefato, mas expressão de uma organização social, Sorre nos abre dois caminhos: 1) quando a técnica (artefato) não possibilita suprir tanto as necessidades mínimas, quanto as “necessidades de luxo”, a população, ou parcela dela, em função de predisposições sociais e psicológicas, migram (a imaginação aqui é compreendida como uma cultura histórica de certos grupos para migrar); 2) ao considerar a técnica como organização social, os estudos sobre migração tomam uma amplitude não somente econômica, mas social.

No capítulo final, a questão da migração é encarada num grau ainda maior de complexidade: Sorre adverte que a migração não somente deve ser explicada à luz da mediação dos conceitos de técnica, habitat e gênero de vida, mas de par com os acordos internacionais entre os países envolvidos, daí o seu esforço em entender as políticas imigratórias nos EUA e as políticas de emigração da Irlanda e da Polônia ao fim do século XIX e início do XX. A complexidade da migração é tamanha para Sorre, que podemos sugerir que para ele a migração é um “fato geográfico por completo”, o que o leva a concluir nas páginas finais do seu livro: “Os problemas da migração não podem mais ser tratados sobre um plano local. São propriamente problemas planetários. (...) se inscrevem no quadro de uma política universal” (1955, p. 259).

A migração também se apresenta no pensamento do geógrafo Jean Gottmann (2012), ainda que de maneira secundária. Apesar de não ter dedicado muitas páginas às migrações como os autores acima, a migração estará aliada aos processos de urbanização e, como em Ratzel, uma das variáveis

mais importantes do território, devido ao atributo da circulação. Aqui se abre caminho para inserir a migração no feixe dos fluxos de bens e mercadorias. Penso que esta perspectiva, mesmo que este autor não esteja diretamente referenciado na geografia brasileira, é a que estará mais presente, sobretudo nas análises provindas do campo da Geografia econômica e da Geografia Urbana. O fluxo migratório será ilustrativo nas cartografias urbanas, com as setas indicando as origens e destinos dos migrantes. A linguagem da fluidez do território, na equivalência entre circulação dos migrantes com a da circulação de bens e mercadorias. O migrante é concebido assim como qualquer outra mercadoria. Apesar de sua condição humana, a circulação de bens, mercadorias e **pessoas** são sinônimas. Para a metáfora da fluidez e da circulação, a migração serve como alegoria.

Apesar da presença da migração no pensamento da geografia ao longo da primeira metade do século XX, pouco se identificou das condições empíricas da população migrante para as questões políticas migratórias. Território como abrigo e recurso tomaram a centralidade e pouco se abriram as portas analíticas para a entrada de uma análise geográfica sobre políticas de segurança e controle migratório. É preciso apontarmos isso pois o mundo, nos anos 1950, já era conteúdo de uma paisagem populacional para a migração e a situação do refugiado no Pós-Guerra estar no centro de uma análise no campo da teoria geográfica.

Estas referências apontam para a intrínseca relação da migração com a geografia e nos auxiliam a ponderar que esta associação pode nos levar a naturalizar que a migração, por si mesma seja, por natureza, um fenômeno geográfico. Este suposto conforto epistemológico, ao invés de revelar um aprofundamento teórico e metodológico no campo da geografia, corre o risco de nos fazer perder a dimensão complexa da migração e, ainda o apagamento de que a migração é um ato e ação humana. Zelinsky, em 1979, lançava uma dura crítica quanto à fragilidade teórica dos geógrafos diante as variáveis populacionais.

Na verdade, é surpreendente como pouco esforço foi feito pelos geógrafos para tratar a transição demográfica como um processo de difusão através do tempo e do espaço. Mas talvez isso seja compreensível à luz do tédio interesse que os geógrafos geralmente tem mostrado em direção aos fenômenos do desenvolvimento. (p.220; tradução da autora).

De certa forma, quando se trata das migrações, esta condição, especialmente no tocante a geografia brasileira, se manifesta. É comum que as migrações, em suas distintas tipologias, sejam usadas como exemplos para os geógrafos das áreas de urbana, política, geografia econômica, social, cultural e ambiental. Assim, expressões como explosão demográfica e inchaço das cidades são reproduzidas nos textos geográficos para dar conta da urbanização do Brasil, a partir dos anos 1970. Os deslocamentos pendulares para ilustrar as cidades-dormitórios ou a rede urbana; os refugiados

ambientais, esta tipologia mais recente, para ilustrar os efeitos das mudanças climáticas. As abordagens aqui apresentadas, ainda que panorâmicas², nos servem como ponto de partida para situar a relação simplória entre migração e geografia.

Proponho aqui pensar que esta simplificação advém da obviedade de que a migração precisa do espaço para o seu acontecer. Comumente, a palavra migrante designa grupo ou indivíduo que se desloca de um lugar para outro. Migração e espaço são indissociáveis, entretanto esta indissociabilidade não nos permite simplificar a migração e tampouco submeter o sujeito migrante a uma geografia da fluidez e da circulação. A primeira advertência ou mesmo conselho para aqueles (a) que se aproximam da migração é respeitar e reconhecer que a migração é um ato humano e social – são homens, mulheres, crianças que, ao longo de uma vida, constroem trajetórias marcadas por um deslocamento espacial e social. Bourdieu no prefácio do livro *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*, ao saudar o perfeccionismo teórico e ético do autor Abdelmalek Sayad, assim escreve: “(...) os chamados problemas da “imigração” não são desses que se podem colocar em quaisquer mãos.” (1998, p.11).

Uma análise substantiva sobre o conceito de migração foi realizada por este sociólogo, Abdelmalek Sayad (1998). Suas contribuições conceituais são de tamanho rigor que dedicamos aqui uma apresentação parcial de suas reflexões. Sua leitura parte do seguinte princípio: pensar a migração implica pensar dois processos complementares: a emigração e a imigração. Não há emigração sem imigração e nem imigração sem emigração. Quem sai de um lugar é emigrante para quem fica, mas se torna imigrante para a sociedade que o recebe. O migrante carrega assim uma dupla condição: o de ser ao mesmo tempo e/imigrante, mas como não se pode estar em dois lugares ao mesmo tempo, sua existência individual e social é ambiguamente vivida.

2 - Redes sociais migratórias

Em 2007, ao desenvolver pesquisa de doutoramento sobre a migração provinda da região sulcatarinense para os Estados Unidos, no longo trabalho de campo realizado com os migrantes que retornavam de Boston (EUA) para Criciúma, Sombrio, Ermo e Turvo (SC), o pensamento acima de

² Panorâmicas, pois a reflexão sobre a migração no campo da geografia brasileira demanda uma leitura e hermenêutica mais profunda e temporalmente mais larga. Os trabalhos realizados por Jean Roche e Pierre Waibel sobre a colonização no Brasil e retomados nas pesquisas da antropóloga Giralda Seyferth (2016) são merecedores de uma atenção analítica, até mesmo para entendermos o quanto a geografia, a partir dos anos 1970, se afastou dos clássicos estudos migratórios no Brasil. Penso que a Sociologia e a antropologia, diferente da geografia, avançaram nos estudos das migrações enquanto a geografia tomou o caminho de que as migrações é sinônimo de circulação e da fluidez do espaço. Diga de passagem, que a dimensão racial foi apagada dos estudos geográficos com uma ausência quase que total sobre o deslocamento forçado da população provinda da África para o Brasil. A escravidão, antítese da livre circulação de bens e pessoas, não foi alcada à categoria de objeto geográfico. O deslocamento forçado e o racismo não são constitutivos de uma reflexão sobre o território na geografia brasileira.

Sayad me acompanhava (SANTOS, 2007). Para além de uma ruptura com o lugar de origem, os migrantes construíram um dispositivo para lidar com a migração: através da participação em um denso arranjo de relações sociais mantinham múltiplas conexões entre os dois países: Brasil e os Estados Unidos. Através do envio das remessas, das comunicações através da rádio local; do recrudescimento dos fluxos; da participação das mulheres no curso migratório; nas trocas de correspondências e no auxílio às viagens, os migrantes, nos anos 1980, formaram uma rede social transnacional. Estas conexões não são fáceis de serem sustentadas. Muita coisa acontece na vida de quem migra e os suportes materiais e sociais para se manterem conectados com os seus lugares de origem nem sempre são dados de imediato. Ou seja, percebi ao longo desta pesquisa, o quanto os/as migrantes investiam em vários recursos para nutrirem o pertencimento em um espaço que se metamorfoseava em transnacional.

Assim, a abordagem das redes sociais migratórias se apresentava como um campo de pesquisa mais promissor, pois trazia a perspectiva de colocar no centro da análise a trajetória do migrante. O princípio da conexão se apresentava adequado para uma descrição analítica sobre a natureza dos vínculos dos migrantes com os lugares, as pessoas e organizações. Entretanto, as relações históricas da noção de redes e geografia não eram tão propositivas para um estudo das migrações em escala transnacional.

As análises de Dias (2020; 2021) evidenciavam o peso das redes técnicas de circulação em sua abordagem positivista, no qual as inovações técnicas de informação e de transporte se apresentavam como motores da evolução de uma sociedade. Ou seja, as heranças do arcabouço das redes no campo da geografia eram aquelas advindas de uma supremacia da técnica em sua suposta habilidade de encurtar distâncias físicas. Assim, neste arcabouço, havia pouca possibilidade de transformar uma noção de rede técnica em rede social. E, tampouco a migração, no contexto então estudado, se enquadrava nas noções de ruptura e ou desterritorialização, que são as noções mais comuns na geografia quando se adentra no campo dos deslocamentos de população. Por sua vez, para os migrantes, um dos maiores desafios quando migravam para os EUA ou do seu retorno para o Brasil, era o de manter as conexões entre os dois lugares (Brasil-EUA), superando as ausências da emigração, as austeras políticas restritivas de entrada nos EUA a partir dos anos 1980, e, ao mesmo tempo, fundando outro uso do território em base transnacional.

Reflexões mais próximas desta perspectiva se encontravam em Sassen (2003) quando inseria o papel das remessas das mulheres na globalização e a emergência dos direitos humanos no plano de uma política internacional da migração. Importa registrar que sua análise, no campo da geografia econômica e mesmo a centralidade dada a circulação dos migrantes como trabalhadores no contexto

da economia neoliberal contemporânea, não reduziu o migrante à lógica de um fluxo como qualquer outro equivalente ao de bens e mercadorias. Linguagem esta, como já apontada, presente na literatura reticular do espaço.

Assim se entramos, nos anos 1980, com pouco acúmulo de uma literatura geográfica que desse conta das ações dos migrantes na construção de uma política territorial transnacional, é preciso reconhecer que este período apresentou um ponto de inflexão para as ciências sociais: a inserção da categoria gênero nos estudos migratórios: a inserção da mulher como membro central no interior das redes sociais migratórias. Segundo Piselli (1998), os estudos migratórios careciam ainda de maiores pesquisas e as novas hipóteses de pesquisa deveriam centrar-se, sobretudo, na questão da identidade política e no lugar da mulher no processo migratório (geralmente só considerada acompanhante do marido) e na força das relações familiares no mercado de trabalho. Considera que a identidade múltipla de quem se desloca entre dois ou mais países (e não a ruptura), é o que caracterizaria o migrante dos tempos atuais, e nesse sentido a abordagem das redes sociais se apresenta rica em possibilidades analíticas:

O homem ou a mulher migrante move-se entre esferas sociais e territoriais diferentes, numa dimensão que abarca uma pluralidade de linguagens e significados. Tem identidades várias, e age tendo em vista múltiplos propósitos. A rede revela-se uma ferramenta analítica particularmente capaz de agarrar esta realidade fluida e em constante mutação, por forma a investigar as interações entre, por um lado certos grupos étnicos e sociais, e por outro as relações múltiplas e contraditórias que as pessoas mantêm com os respectivos contextos de referência (PISELLI, 1998. p. 110).

Nesta direção, no Brasil, destaco o trabalho da antropóloga Assis (1995; 2004). Através da análise documentária de cartas enviadas por mulheres migrantes dos Estados Unidos para os seus conterrâneos em Governador Valadares (MG), Assis (1995) prioriza a subjetividade construída no processo da migração e o fortalecimento das redes através das informações trocadas. Posteriormente (2004), analisa o processo de emigração que ocorre de Criciúma (SC) para os Estados Unidos, desvelando a importância do papel da mulher no projeto da migração, demarcando outro arranjo familiar no país de destino que não aquele fundado no lugar de origem. Traz a perspectiva de que a migração, ainda que em concerto, implica funções diferenciadas no trajeto, no qual a mulher tem papel fundamental. A fertilidade de sua pesquisa é colocar em evidência que homens e mulheres participam conjuntamente do trajeto da migração, que deixa ser atributo masculino, como tradicionalmente enfocado, e torna-se um projeto em arranjos familiares. Entretanto, tal arranjo não anula as tensões e os conflitos culturalmente construídos nas relações intrafamiliares. Estatisticamente evidencia que no ano de 1995 ocorre o aumento do número de mulheres migrantes oriundas de Criciúma (SC) para os EUA, cerca de 7%, enquanto entre os homens esse dado diminui, representando 4,7% do total da população que migrou em 1995. Uma das implicações dessa crescente migração feminina é que as

mulheres ascendem a um novo status econômico, configurando, através da migração, outras formas de exercício de poder no espaço doméstico e cotidiano. (ASSIS, 2004).

Uma literatura no campo das ciências sociais provinda da Sociologia e da Antropologia forneceram assim um substrato teórico para a perspectiva de pensar a migração como um processo social, mas conferindo uma centralidade ao sujeito migrante. A inclusão da noção de redes neste processo possibilita assim reconhecer que as ações dos migrantes se passam entre vários lugares. No contexto das migrações internacionais são as articulações em distintos países, o que configura uma rede transnacional. Entretanto, importa mencionar que a escolha da abordagem das redes sociais não implica uma polarização dicotômica entre as escalas local e a global.

Nos estudos migratórios, ao seguirmos a trajetória dos migrantes, é muito difícil delimitarmos a extensão da rede migratória como também a totalidade das ações que ocorrem em seu interior. O que a rede nos traz como possibilidade heurística no campo das migrações é abrirmos o campo de análise para múltiplas conexões e também renunciarmos à perspectiva do nacionalismo metodológico. Aqui, preferimos seguir as pistas dadas por Dias (2020) quando analisa as redes financeiras: “Local e global seriam conceitos bem adaptados às superfícies, mas inadequados para redes” (p.4). No contexto das migrações internacionais, as escalas espaciais estão em constante construção, pois são compostas por grupos, pessoas, organizações, coletivos, instituições estatais e não estatais que, ao longo de um curso migratório, sofrem alterações em suas ações e posições. A rede é mutável e aberta. Entretanto, esta característica da rede migratória não equivale a uma circulação frenética e, ou que, todo deslocamento seja sinônimo de desterritorialização. Ao contrário, as relações e a intensidade das conexões demandam serem desvendadas.

Neste sentido, pensamos que a rede social seja um instrumento valoroso no campo das migrações: 1) traz o princípio da conectividade – fundamental para se descrever e analisar a tipologia das relações e os nexos entre as pessoas e os lugares; 2) a rede social precisa do espaço e os migrantes, em redes, reconstruem o espaço - tanto o espaço material (sobretudo o da informação e comunicação) quanto o social e político. Aqui, substancialmente, trata-se de relações e conexões que inserem outras escalas espaciais, para além da visão limitada de uma cartografia dicotômica que ilustra os lugares de origem e os lugares de chegada dos migrantes, como se dividisse o migrante em duas partes. Rede migratória combina com o sentido das trajetórias migratórias e trajetória não é linear. Através e com as redes sociais é possível desvendarmos a natureza do espaço das migrações. E o que traz esta potencialidade é que se trata de uma rede dos migrantes e não uma rede urbana, ainda que possam estar entrelaçadas.

Considerações Finais

Iniciei este artigo com uma pergunta: a migração é um fenômeno geográfico? Para além de uma resposta, cumpre considerar que a migração tem sido usada em todos os campos disciplinares da geografia. Entretanto, isto não implica uma reflexão teórica geográfica sobre a migração. Reflete-se sobre o urbano, a cidade, o Estado, o rural, a sociedade, a cultura, mas isto não equivale a uma teoria geográfica da migração.

Poucos estudos no Brasil têm se dedicado ao sujeito migrante; o acento tem sido dado para a variável fluxo ou circulação. Entretanto, a condição de movimento não é por natureza geográfica. Ao retomarmos a geografia dos modernos, a migração se apresenta como constitutiva do espaço geográfico, um espaço em movimento, mas o acento será dado para a difusão das técnicas, a circulação e a centralidade do papel do Estado.

Este arcabouço se estende para a produção recente, visto que as migrações no Brasil é um campo advindo das áreas disciplinares da Geografia. Apontei que uma possibilidade tem sido dada no diálogo com outras áreas do conhecimento e a incorporação do princípio das conexões pelo uso das redes. “A primeira propriedade das redes é a conexidade”. (DIAS, 2000, p.148). Tal princípio não se confunde ou equivale a uma circulação frenética e ou contínua. Conexão é sinônimo de ligação, nexo e vínculo; trata-se de outra linguagem. Migração implica movimento e tal movimento pede conexões das pessoas e entre os lugares. É a natureza destas conexões que demandam ser analisadas; as condições para a realização das conexões.

Enfim, há um campo ainda aberto e pouco estudado nas migrações. Enquanto isso, uma paisagem política e social tem sido formada pela migração; organizações e coletivos de migrantes se formam buscando espaço na política internacional. A América Central, em 2018, foi atravessada por uma caravana de migrantes com destino ao México. Movimento de mulheres migrantes bolivianas se formam na Argentina; no Brasil, no estado de Roraima, se edifica um novo arranjo de ordenamento territorial com a presença de organizações internacionais para o controle migratório provindo da Venezuela. As migrações transfronterizas, ao longo da fronteira brasileira com os países da América do sul se intensificam. Há um quadro de situações de deslocamento que aguardam serem analisados geograficamente. E neste sentido, é possível pensarmos que as condições empíricas para uma teoria geográfica das migrações estão dadas.

Referências

- ASSIS, G. de O. *Estar aqui...estar lá...uma cartografia da vida entre dois lugares*. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em Antropologia Social UFSC, Florianópolis, 1995.
- ASSIS, G. de O. "De Criciúma para o mundo" - os novos fluxos da população brasileira: gênero e rearranjos familiares. In: MARTES, A. C. B.; FLEISCHER, S. (Orgs). *Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, p. 199-230, 2003.
- ASSIS, G. de O. *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros*. Tese de doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 2004.
- BOURDIEU, P. Um analista do inconsciente. Prefácio. In: SAYAD, A. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, p. 9-12, 1998.
- BROC, N. *La Géographie des Philosophes. Géographes et voyageurs français au XVIIIème siècle*. Paris: Ophrys, 1975.
- DIAS, L. Redes: emergência e organização. In: CASTRO, I. et al. (Orgs). *Geografia: Conceitos e Temas*. RJ: Ed. Bertrand Brasil, p. 141-164, 2000.
- DIAS, L. Rede geográfica. Conceitos Fundamentais da Geografia. *GEOGraphia*.UFF. Vol. 22, n.49, p. 1-5, 2020
- DIAS, L. Os sentidos da rede: notas para uma discussão. In: DIAS, L.; SILVEIRA, L. R. L. (Orgs). *Redes, Sociedades e Territórios*. 3ª. Ed. UNISC, p.13-30, 2021
- GOTTMANN, J. A evolução do conceito de Território. *Boletim Campineiro de Geografia*. V.2, n.3, p. 523-545, 2012.
- LA BLACHE, P. V. *Princípios de Geografia Humana*. Lisboa: Cosmos, 1954.
- PISSELI, F. Mulheres migrantes: uma abordagem a partir da teoria das redes. Coimbra: *Revista crítica de ciências sociais* (50), p. 103-118.1998.
- RATZEL, F. As Leis do Crescimento Espacial dos Estados. In: MORAES, A. C. R. (Org.). *Ratzel*. São Paulo: Ed. Ática, p. 175-192, 1990.
- SANTOS, G. A. Redes e Território: reflexões sobre a migração. In: In: DIAS, L.; SILVEIRA, L. R. L. (Orgs). *Redes, Sociedades e Territórios*. 3ª. Ed. Ed. UNISC, p.53-80, 2021.
- SANTOS, G. A. *Estado, Redes sociais e Fronteira: a migração do sulcatarinense para os Estados Unidos*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Geografia. UFSC. 2007.
- SASSEN, S. *Contrageografías de la globalización. Género y ciudadanía en los circuitos transfronterizos*. Madrid: Ed. Traficantes de suenos. 2003.
- SAYAD, A. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp,1998.
- SEYFERTH, G. *Estudos sobre a imigração alemã no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. ContraCapa. 2016.
- SORRE, Max. *Les migrations des peuples. Essai sur la mobilité géographique*. Flammarion: Éditeur, 1955.
- SORRE, M. Migrações e mobilidade do ecumeno. In: MEGALLE, J .F . (ORG.). *Max. Sorre. Coleção Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Ed. Ática, p.123-139, 1984.
- ZELINSKY, W. The Hipothesis of the Mobility Transition. *Geografical Review*. Vol. 61, n.02, 219-240, 1971.